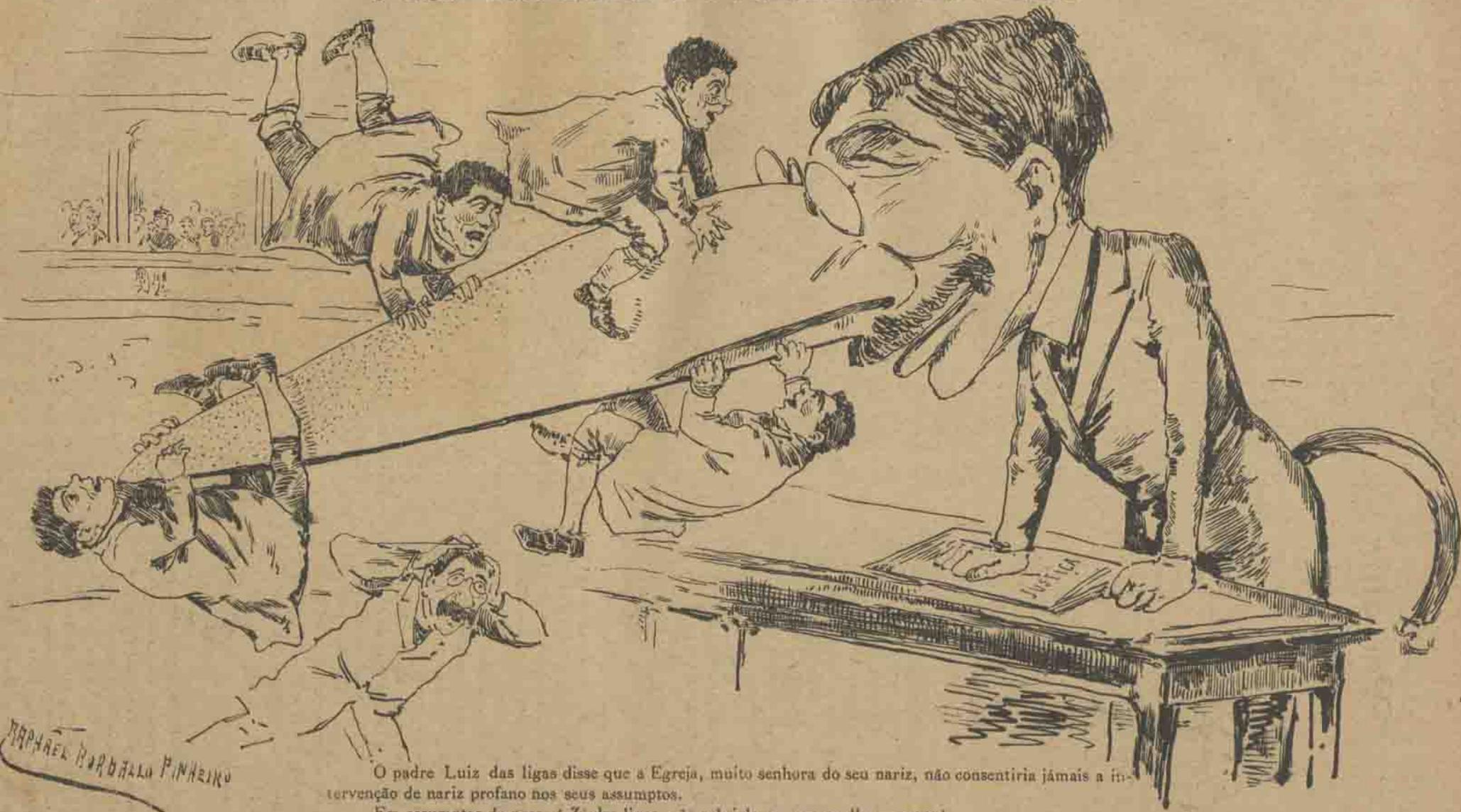


# O LUIZ DAS LIGAS E O FRANCISCO DA PENCA



RAFAEL BARBILANO PINHEIRO

O padre Luiz das ligas disse que a Igreja, muito senhora do seu nariz, não consentiria jámais a intervenção de nariz profano nos seus assumptos.  
 Em assumptos de naso, ó Zé das ligas, não cabriola em pencas d'onze varas!

## Por ahí...



Eu não sei bem, n'este momento bi-doloroso de dupla crise politico-atmosphérica, quem mais vivos cuidados e mais sincera compaixão deva inspirar-me: se o corpo colectivo do ministerio, representado nas coisas e nas pessoas das suas sete pastas e dos seus seis membros, se o corpo isolado do mesmo ministerio, synthetisado na pessoa e na coisa do sr. Francisco

Beirão e seu respectivo nariz.

(Que, diga-se á parte e de passagem, não está ainda averiguado por completo se o nariz do sr. Beirão é que é parte integrante d'este, ou se antes deva considerarse o respeitavel conselheiro como um simples derivando d'aquella respeitabilissima narigueta.)

Voltando á vacca fria das minhas indecisões, insisto em que, se grande magua me inspira o ministerio, com o calor que está apanhando nas camaras, não menos pesar me suscita o nariz do sr. Beirão, com o enorme frio que deve apanhar por essas ruas.

Assim, pergunto qual será mais aspero:

—As reclamações do norte?

—As rajadas do nordeste?

O ministerio que responda, ouvida a opinião do nariz do sr. ministro da justiça.



Bem sei eu para que o tempo vae correndo de feição pintada: é para um conchego de lençoes quentes até por volta d'essa uma hora da tarde.

Ou para os lençoes ou para as viagens; viagens longas, em grandes tiradas a pé e por logarejos mais agasalhados.

Que na cama tambem se viaja; senão em caleça, ao menos em espirito—e ainda com a apreciavel vantagem de substituir o pesado volume da mala por um accommodatício volume de prosa.

Os que tiverem tempo e bom gosto que façam a experiencia com as *Chronicas de Viagem*, o ultimo livro de Alberto Pimentel—ultimo até á data—e digam-me depois se não é tão bom, tão barato e tão instructivo viajar assim algumas horas, de parceria com um cicerone illustrado e na communhão dos cobertores quentinhos—sem a mais leve sombra de sentido alapardado...



Segundo li em telegramma publicado nos jornaes, uma das resoluções tomadas pela commissão de resistencia do Porto no intuito de protestar contra a lei da sellagem e a da companhia vinicola, consiste em remetter ao sr. D. Luiz o coração de seu angusto avô, o sr. D. Pedro IV, coração de que o Porto é fiel depositario ha um bom par de annos, mas fiança de que está disposto a exonerar-se logo que o actual monarcha não queira attender-lhe as presentes reclamações.

Eu ignoro qual seja o meio de transporte que a cidade do Porto tenciona adoptar para remetter a Lisboa a preciosa viscera de que o rei soldado lhe fez posthumo presente. Tanto é possivel que a mande por um proprio, como que a remetta pelas encommendas postaes, como que se limite a consignar-a pelo comboio de mercadorias. Attenta a gravidade e sobretudo a urgencia do negocio, o que me parece entretanto mais curial é remettel-a pelo telegrapho.



Seja, porém, como fór, o que é certo é que o sr. D. Luiz ficou deveras assarapantado com a ameaça de que, na pessoa do coração de seu angusto avô, lhe ia entrar em casa mais uma pessoa de familia, que é como quem diz mais uma bocca pela porta dentro!

E só por esse justificado receio se explica como sua magestade consentiu em receber a commissão portuense, a qual, conforme se sabe e as proprias folhas governamentais não occultaram, veiu subordinada á imposição de «apenas se entender com o monarcha, não devendo trocar uma unica explicação com qualquer membro do ministerio.»

Ora está claro que se não fosse o receio que assaltou o sr. D. Luiz de que o Porto lhe sobre carregasse o peso da familia mandando-lhe o coração de seu angusto avô para o lar domestico, nunca sua magestade teria annuido a receber aquella commissão.

Porque, de duas, uma: ou o sr. D. Luiz não tem confiança no ministerio, e n'esse caso manda-o apanhar pés de burro; ou deposita no ministerio toda a sua confiança, e n'esta hypothese nunca deveria consentir que extranhos recusassem entender-se com quem elle se entende ás mil maravilhas!

Votar publicamente uma moção de desconfiança ao ministerio que tem a confiança do rei, é, logicamente, desconfiar do rei que confia no ministerio de quem se desconfia...

Portanto, se o monarcha se resignou a receber uma commissão, que assim publicamente declarára desconfiar d'elle—por tabella—claro está que tinha a coagil-o um caso de força maior.

E esse caso não pôde deixar de ser a remessa do coração de seu angusto avô.



De todos os casamentos mais ou menos auspiciosos a que recentemente se tem referido os *high-lifes* das varias folhas, o que mais fallado anda nas palestras lisboetas é o *Casamento da Nitouche*, todas as noites realisado no juvenil theatre da rua dos Condes.

A *Nitouche*, que já em solteira fizera andar a cabeça á roda aos não sei quantos milhares de habitantes da cidade, agora, depois de casada, parece que conquistou ainda mais largos fóros á sympathia de todos nós.

De resto, o caso é commum. O que está acontecendo com a *Nitouche* succede geralmente com todas as mulheres formosas: se em solteiras nos attrahem, depois de casadas essa attracção sobe mais um furo.

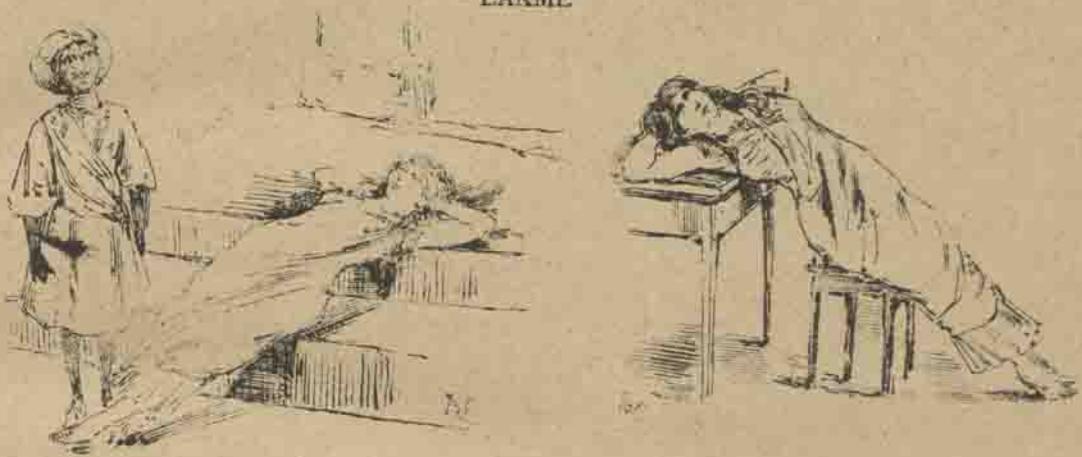
E ás vezes sobe até muitos furos...

*Por Fortunata*

CAMARA DOS DEPUTADOS (Apontamentos)



S. CARLOS LAKMÉ



Posições extraordinárias de Van- Zandt que devem ficar archivadas



# CORAÇÃO, FIGADO, GUIMARÃES E OUTROS MIUDOS DO PORTO



— Qual sellagem nem qual diabo! Aqui não se aceita nada! E toca para Lisboa, com o coração do Dador, o aplomb do Andressen e a verborrhea do Guimarães — trez figuras de rethorica distinctas e um só coração, que se desconfia não seja verdadeiro.

E vocês, cá na cidade, ouviram? conservem as bandieras a meio pau, os armazens a meia porta, e os appetites a meia tripa.

Que nós cá vamos fazer ao ministerio a meia... desfeita.



(O ministerio a tromer)

— Vem o coração do avô! Agora é serio. Comô está o coração do neto?

O nosso está mais negro que um chapéu,



— Bôa ideia, seu Marianno.

Vem una ideia brejeira ao sr. Marianno, o que passa d'ouvido a ouvido, ao ministerio.)



— Bôa ideia, seu Carvalho.



— Bôa ideia, seu Source.

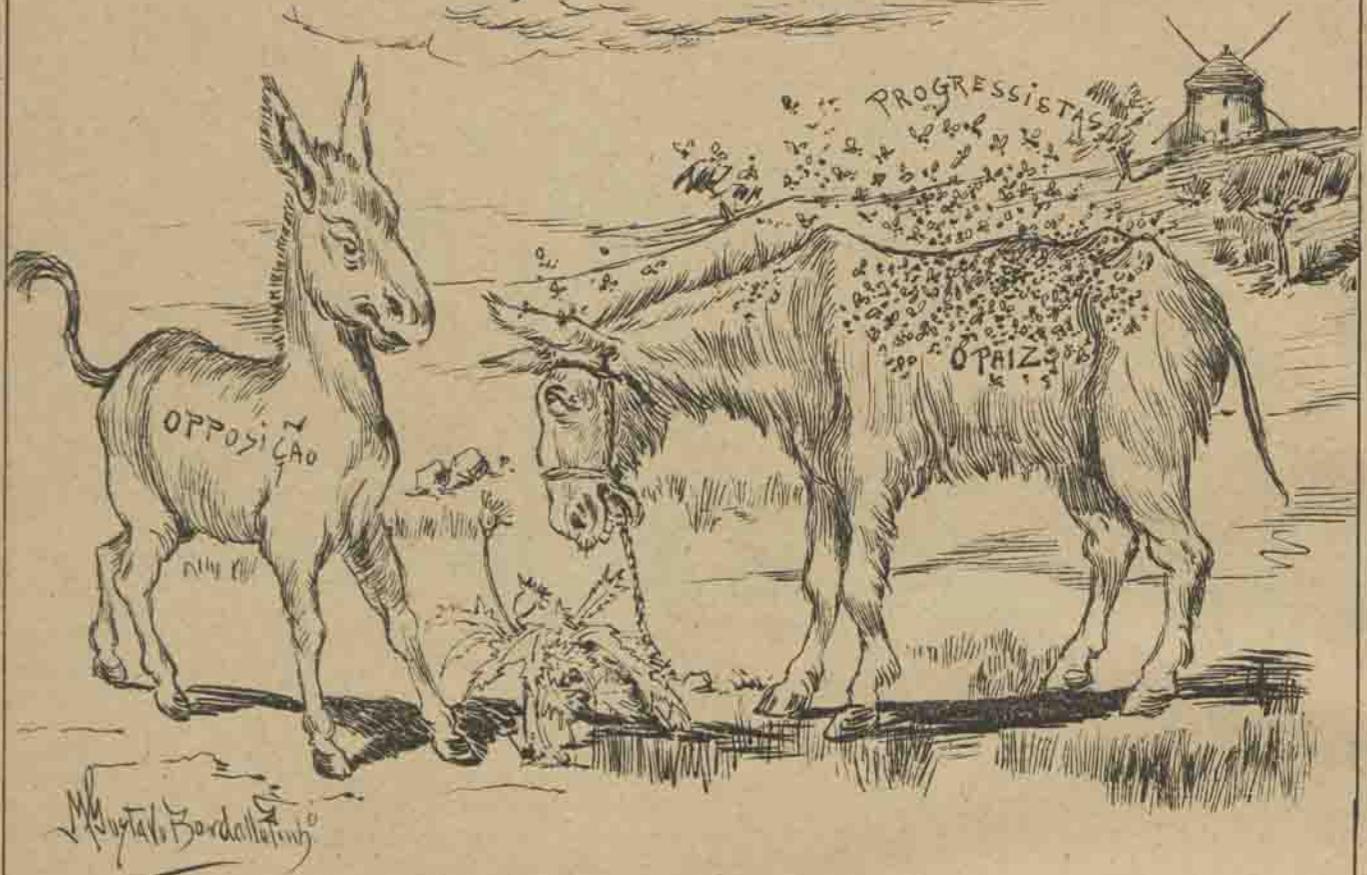


(José Luciano, á commissão com o ar de quem tem o coração do 'Dador, na barriga.)

— Ah vocês mostram-nos o coração de Pedro por ameaça? Pois nós lhe mandaremos lá os figados do Luiz, ralados já por tanta inposição. E reunidas que sejam, no heroico baluarte, todas estas miudezas de familia, se o povo der sangue a cabidella é certa.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# A SITUAÇÃO



Com a devida venia transcrevemos das *Farpas* as seguintes linhas de Ramalho Ortigão, escriptas em 1877 e que nos parecem ter boa applicação na actual situação politica:

Era uma vez um velho burro.

.....  
 .....  
 .....  
 .....  
 Passou por elle e deteve-se a contemplal-o um joven asno, no viço das illusões, cheio de amor e de zурros, de alegria e de coices. A vetusta ossada angulosa do ancião parecia furar-lhe a pelle resequida e aspera. Um espesso enxame de moscas cobria-lhe as mataduras do lombo e dava-lhe o aspecto de ter um albardão feito de rumbidos e de azas azulejando sobre um fundo de misangas pretas e palpitantes,—cousa rabujosa á vista.

—Sacode esse mosqueiro, disse-lhe o burro novo. Dar-se-ha o caso de que, á semelhança do homem, deixasses tambem tu atrophiar o precioso musculo que ahí tens na face para por meio d'elle abanares a orelha e moveres a pelle?... Sacode-te, bestiaga!

Ao que o lazarento, piasado, retorquiu:

—Não sabes o que zurras, joven temerario! O destino de quem tem maselas é que o mosqueiro o cubra. As moscas que tu vês, e de que o meu cerro é a estalagem com mesa redonda, são moscas fartas, têm a mansidão abundante dos estomagos cheios. Se eu as sa-

cu disse, viriam outras, as famintas, de ferrões gulosos, que zinem como frechas, pousam como causticas, mordem como furunculos. As que tu vês prestam-me um serviço impagavel: —livram-me das que podem vir; são o meu xairel benigno e suave, o meu arnez, a minha couraça. Quando te chegar a idade de seres pasto de moscas (e breve te soará essa hora porque a mocidade é, como a herva, uma ephemera transição entre o alfofre da meninice e a palha da idade madura); quando te chegar o teu dia, lembra-te, asinho imprudente, d'este conselho amigo de um burro velho, que não aprende linguas, mas que tem a experiencia que vale tanto como ouro: Nunca sacudas mosca desde que creares masela! Teme-te dos papos vasio das revoadas novas. Papos cheios não só não mordem mas empacham! Comprehendeste burrinho, a philosophia da minha inercia?

.....  
 .....  
 —Lestes a historia do sabio burro lazarento contada pelas *Farpas*? Eu sou esse burro. Vós sois a revoadada das novas moscas pretendendo expulsar a revoadada velha. Ora, moscas por moscas—sendo meu destino que ellas sempre me cubram e me comam—prefiro as antigas moscas saciadas ás novas moscas famintas. Deixem-me em paz. E notae que eu nem sequer vos abano as orelhas,—que é para não bulir commigo!

RAMALHO ORTIGÃO.

# INDISCRIPÇÕES DOS CAMARINS

(Cahin de moda o cabellino na venta e ahí temos em voga o cabellino no sovaco)

Durante a rôlha



— No meu tempo, *siñorita*, nenhuma de nós gostava d'ella queimada

Antes da rôlha (a)

— Façei, meu Deus com que eu tenha mais cabelo debaixo dos braços do que adiposidades debaixo do espartilho!



(a) Rica barba para um sovaquinho.



Depois da rôlha

Eu sou a Guida  
Que vou á boda  
Toda despida  
De barbã toda

## O CONSELHEIRO DISTRAHIDO



E' galante esta rapariga. E' ella fitou-me.



—Vou segui-a. E' toda catita.



ELLE—Mas como ella olha. Temos obra. Vou fallar-lhe.

ELLA—O conselheiro ainda me não conheceu.



ELLA—Senhor conselheiro! Já me não conhece?

ELLE—Adeus, menina, então onde vac?



ELLA—Eu sou a viuva do seu amigo Sargedas.

ELLE (muito embaraçado)—Ah! é verdade! Agora me lembro? (E galhofeiro) E como vac esse maganão?



Tableau!

Eu sou tão pouco previsto!!!!

Alfredo Bordalo